

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO II

FEVEREIRO DE 1859

Nº 2

## Escolhos dos Médiuns

A mediunidade é uma faculdade multiforme que apresenta uma variedade infinita de matizes em seus meios e em seus efeitos. Quem quer que seja apto a receber ou transmitir as comunicações dos Espíritos é, por isso mesmo, médium, seja qual for o modo empregado ou o grau de desenvolvimento da faculdade, desde a simples influência oculta até a produção dos mais insólitos fenômenos. Usualmente, todavia, essa palavra tem uma acepção mais restrita e em geral se refere às pessoas dotadas de um poder mediatriz muito grande, seja para produzir efeitos físicos, seja para transmitir o pensamento dos Espíritos pela escrita ou pela palavra.

Embora essa faculdade não seja um privilégio exclusivo, é certo que encontra refratários, pelo menos no sentido que se lhe atribui; também é certo que não se trata de uma faculdade que não apresente escolhos aos que a possuem; que pode alterar-se, perder-se mesmo e, freqüentemente, ser uma fonte de graves desilusões. É sobre este ponto que julgamos de utilidade chamar a atenção de todos os que se ocupam das comunicações espíritas, quer diretamente, quer através de um intermediário. Dizemos através de um intermediário porque importa também aos que se servem de

médiuns poder apreciar o valor e a confiança que merecem suas comunicações.

O dom da mediunidade liga-se a causas ainda não perfeitamente conhecidas, nas quais o físico parece desempenhar uma grande parte. À primeira vista, poderia parecer que um dom tão precioso não devesse ser partilhado senão por almas de escol. Ora, a experiência prova o contrário, desde que se encontram potentes médiuns entre pessoas cuja moral deixa muito a desejar, enquanto outros, estimáveis sob todos os aspectos, não possuem esse dom. Aquele que fracassa, malgrado seu desejo, seus esforços e sua perseverança, não deverá tirar conclusões desfavoráveis a seu respeito nem julgar-se indigno da benevolência dos Espíritos bons; se esse favor não lhe foi concedido, outros há, sem dúvida, que lhe podem oferecer ampla compensação. Pela mesma razão aquele que o desfruta não poderia dele prevalecer-se, pois esse dom não é nenhum sinal de mérito pessoal. O mérito, portanto, não está na posse da faculdade mediatriz, que a todos pode ser dada, mas no uso que dela se pode fazer. Eis aí uma distinção capital que não se deve jamais perder de vista; a boa qualidade do médium não está na facilidade das comunicações, mas unicamente na sua aptidão para somente receber as boas. Ora, é aí que as condições morais nas quais se acha são todo-poderosas, e é aí também que ele encontra os maiores escolhos.

Para perceber este estado de coisas e compreender o que vamos dizer, é necessário reportar-se a esse princípio fundamental: que entre os Espíritos há os de todos os graus no bem e no mal, em ciência e em ignorância; que os Espíritos pululam à nossa volta e, quando imaginamos estar sozinhos, estamos incessantemente rodeados de seres que se nos acotovelam, uns com indiferença, como estranhos, outros que nos observam com intenções mais ou menos benevolentes, conforme a sua natureza.

O provérbio “Cada ovelha busca sua parelha” tem sua aplicação entre os Espíritos, como entre nós e, possivelmente, mais ainda entre eles, porque não estão, como nós, submetidos à influência das convenções sociais. Todavia, se entre nós essas convenções algumas vezes confundem homens de costumes e gostos bem diferentes, de certo modo a confusão é apenas material e transitória. A similitude e a divergência de pensamentos será sempre a causa das atrações e repulsões.

Nossa alma, que afinal de contas não é mais que um Espírito encarnado, nem por isso deixa de ser um Espírito. Se está revestida momentaneamente de um envoltório material, suas relações com o mundo incorpóreo, embora menos fáceis do que no estado de liberdade, não são interrompidas de maneira absoluta. O pensamento é o laço que nos une aos Espíritos, e pelo pensamento atraímos os que simpatizam com nossas idéias e pendores. Representemos, pois, a massa dos Espíritos que nos cercam como a multidão que encontramos no mundo; em toda parte onde preferirmos ir, encontraremos criaturas atraídas pelos mesmos gostos e pelos mesmos desejos. Nas reuniões que têm um objetivo sério vão homens sérios; nas frívolas, comparecem homens frívolos. Por toda parte encontram-se homens atraídos pelo pensamento dominante. Se lançarmos o olhar sobre o estado moral da Humanidade em geral, compreenderemos sem dificuldade que, nessa multidão oculta, os Espíritos elevados não devem constituir a maioria; é uma das conseqüências do estado de inferioridade do nosso globo.

Os Espíritos que nos cercam não são passivos; trata-se de uma população essencialmente inquieta, que pensa e age sem cessar, que nos influencia mau grado nosso, que nos excita ou nos dissuade, que nos impele ao bem ou a mal, o que não nos tira o livre-arbítrio mais do que os bons ou maus conselhos que recebemos de nossos semelhantes. Todavia, quando os Espíritos imperfeitos instigam alguém a fazer uma coisa má, sabem muito bem a quem se dirigir e não vão perder o tempo onde vêem que

serão mal recebidos. Eles nos excitam conforme nossas inclinações ou conforme os germes que em nós vêm e de acordo com nossa disposição em ouvi-los. Eis por que o homem firme nos princípios do bem não lhes dá oportunidade.

Essas considerações nos levam naturalmente à questão dos médiuns. Estes últimos estão, como todo o mundo, submetidos à influência oculta dos Espíritos bons e maus; eles os atraem ou os repelem conforme as simpatias de seu próprio Espírito, aproveitando-se os Espíritos maus de todas as falhas, como de uma falta de couraça para introduzir-se junto a eles e intrometer-se, mau grado seu, em todos os atos de sua vida privada. Além disso esses Espíritos, encontrando no médium um meio de expressar seu pensamento de modo inteligível e de atestar sua presença, interferem nas comunicações e as provocam, porque esperam ter mais influência por esse meio e acabam por assenhorear-se dele. Vêm-se como se estivessem em sua própria casa, afastando os Espíritos que lhes poderiam criar obstáculos e, conforme a necessidade, tomando-lhes os nomes e mesmo a linguagem, a fim de enganar o médium. Mas não podem representar esse papel por muito tempo: logo são desmascarados pelo observador experimentado e prevenido. Se o médium se deixa dominar por essa influência os Espíritos bons se afastam, ou absolutamente não vêm quando chamados ou só vêm com relutância, porque vêm que o Espírito que está identificado com o médium, na casa do qual estabeleceu residência, pode alterar as suas instruções. Se tivermos de escolher um intérprete, um secretário, um mandatário qualquer, é evidente que escolheremos não apenas um homem capaz mas, também, que seja digno da nossa estima, da mesma forma que não confiamos uma missão delicada e nossos próprios interesses a um homem desequilibrado ou que freqüente uma sociedade suspeita. O mesmo se dá com os Espíritos. Para transmitir instruções sérias os Espíritos superiores não escolherão um médium que conviva com Espíritos levianos, *a menos que haja necessidade e não encontrem,*

*no momento, outros médiuns à sua disposição; a menos, ainda, que queiram dar uma lição ao próprio médium*, o que por vezes acontece; mas, então, dele só se servem acidentalmente, abandonando-o logo que encontrem um melhor e deixando-o entregue às suas simpatias, caso permaneça preso a elas. O médium perfeito seria, pois, o que nenhum acesso permitisse aos Espíritos maus por uma falha qualquer. Essa condição é bem difícil de preencher. Entretanto, se a perfeição absoluta não é dada ao homem, por seus esforços sempre lhe é possível aproximar-se dela; e os Espíritos levam em conta sobretudo os esforços, a vontade e a perseverança.

Assim, o médium perfeito não daria senão comunicações perfeitas, de verdade e de moralidade. Não sendo possível a perfeição, o melhor médium seria aquele que obtivesse as melhores comunicações: é pelas obras que poderão ser julgados. Comunicações constantemente boas e elevadas, nas quais nenhum índice de inferioridade fosse evidenciado, seriam incontestavelmente uma prova da superioridade moral do médium, porque atestariam simpatias felizes. Pelo próprio fato de o médium não ser perfeito, Espíritos levianos, embusteiros e mentirosos podem interferir em suas comunicações, alterar-lhes a pureza e induzir em erro o médium e os que a ele se dirigem. Eis aí o maior escolho do Espiritismo e nós não lhe dissimulamos a gravidade. Podemos evitá-lo? Dizemos altivamente: sim, podemos. O meio não é difícil, exigindo apenas discernimento.

As boas intenções, a própria moralidade do médium nem sempre são suficientes para o preservarem da ingerência dos Espíritos levianos, mentirosos ou pseudo-sábios, nas comunicações. Além dos defeitos de seu próprio Espírito, pode dar-lhes guarida por outras causas, das quais a principal é a fraqueza de caráter e uma confiança excessiva na invariável superioridade dos Espíritos que com ele se comunicam. Essa confiança cega liga-se a uma causa que a seguir explicaremos. Se não quisermos ser vítimas de Espíritos levianos é preciso saber julgá-los; para isso

disponemos de um critério infalível: o bom-senso e a razão. Sabemos das qualidades de linguagem que entre nós caracterizam os homens verdadeiramente bons e superiores, e essas qualidades são as mesmas para os Espíritos; nós os devemos julgar por sua linguagem. Nunca seria demais repetir o que caracteriza a dos Espíritos superiores: é constantemente digna, nobre, sem bazófia nem contradição, isenta de trivialidade e assinalada por inalterável benevolência. Os Espíritos bons aconselham, não ordenam; *não se impõem*; calam-se naquilo que ignoram. Os Espíritos levianos falam com a mesma segurança do que sabem e do que não sabem, a tudo respondendo sem se preocuparem com a verdade. Vimos alguns, em mensagem supostamente séria, com imperturbável audácia, colocar César no tempo de Alexandre; outros, afirmando que não é a Terra que gira em torno do Sol. Em resumo, toda expressão grosseira ou simplesmente inconveniente, toda marca de orgulho e de presunção, toda máxima contrária à sã moral, toda notória heresia científica, nos Espíritos como nos homens, é sinal incontestável de natureza má, de ignorância ou, pelo menos, de leviandade, donde se conclui que é necessário pesar tudo o que eles dizem e submeter todas as coisas ao crivo da lógica e do bom-senso. Eis uma recomendação que incessantemente nos fazem os Espíritos bons: “Deus – dizem eles – não vos deu o raciocínio sem propósito; servi-vos dele para saber o que estais fazendo.” Os Espíritos maus temem o exame e dizem: “Aceitai nossas palavras e não as julgueis.” Se tivessem consciência de estar com a verdade, não temeriam a luz.

O hábito de perscrutar as menores palavras dos Espíritos, de pesar-lhes o valor – do ponto de vista do conteúdo e não da forma gramatical, com a qual eles pouco se importam – afasta necessariamente os Espíritos mal-intencionados que, então, não virão perder seu tempo inutilmente, desde que rejeitamos tudo quanto é mau ou de origem suspeita. Mas, quando aceitamos cegamente tudo quanto dizem, quando, por assim dizer, nos ajoelhamos ante sua pretensa sabedoria, eles fazem o que fariam os homens, enganando-nos.

Se o médium é senhor de si, se não se deixa dominar por um entusiasmo irrefletido, poderá fazer o que aconselhamos. Acontece, porém, que o Espírito muitas vezes o subjugua a ponto de fasciná-lo, levando-o a considerar admiráveis as coisas mais ridículas; então ele se abandona cada vez mais a essa perniciosa confiança e, acreditando em suas boas intenções e em seus bons sentimentos, julga que isso é suficiente para afastar os Espíritos maus. Não, isso não basta, porque esses Espíritos, aproveitando-se de sua fraqueza e de sua credulidade, ficam muito satisfeitos por fazê-lo cair na cilada. Que fazer, então? Relatar o caso a uma terceira pessoa desinteressada que, julgando com critério e sem prevenção, possa ver um argueiro onde o médium não via uma trave.

A ciência espírita exige uma grande experiência que, como em todas as ciências, filosóficas ou não, só é adquirida por um estudo assíduo, longo e perseverante, e por meio de numerosas observações. Ela não abrange apenas o estudo dos fenômenos propriamente ditos, mas, também e sobretudo, os costumes do mundo oculto, se assim nos podemos exprimir, desde o mais inferior ao mais alto grau da escala. Seria muita presunção julgar-se suficientemente esclarecido e passar a mestre depois de alguns ensaios. Tal pretensão não partiria de um homem sério, pois quem quer que lance um golpe de vista indagador sobre esses estranhos mistérios, vê desdobrar-se, diante de si, um horizonte tão vasto que uma multidão de anos não bastaria para o abranger. E pensar que certas pessoas querem fazê-lo em alguns dias!

De todas as imperfeições morais, a que oferece maior vulnerabilidade aos Espíritos imperfeitos é o orgulho. Para os médiuns, o orgulho é um escolho tanto mais perigoso quanto menos o confessam. É o orgulho que lhes dá essa crença cega na superioridade dos Espíritos que a eles se vinculam, porque se sentem lisonjeados com certos nomes que eles lhes impõem. Desde que um Espírito lhes diz: “Eu sou fulano”, inclinam-se e não

admitem dúvidas, porque seu amor-próprio sofreria se encontrasse, sob essa máscara, um Espírito de condição inferior ou um malvado desprezível. O Espírito, que vê o lado fraco, aproveita-se dele, lisonjeia o pretense protegido, fala-lhe de origens ilustres, que o enchem de orgulho e vaidade, promete-lhe um futuro brilhante, honra e fortuna, dos quais parece ser o dispensador. Caso necessário, simula por ele uma ternura hipócrita. Como resistir a tanta generosidade? Numa palavra, zomba do médium, fazendo dele o que bem entendem, como se diz vulgarmente. Sua felicidade é ter alguém sob sua dependência. Já interrogamos vários deles sobre os motivos de sua obsessão; um nos respondeu isto: *Quero ter um homem que me faça a vontade; é o meu prazer*. Quando lhe dissemos que íamos fazer tudo para frustrar as suas artimanhas e abrir os olhos de seu oprimido, disse: *Lutarei contra vós e não o conseguireis, porque farei tantas coisas que ele não vos acreditará*. É, com efeito, uma das táticas desses Espíritos malfazejos; inspiram a desconfiança e o afastamento das pessoas que os podem desmascarar e dar bons conselhos. Da parte dos Espíritos bons jamais acontece coisa semelhante. Todo Espírito que insufla a discórdia, que excita a animosidade, que alimenta as dissensões, por isso mesmo revela a sua natureza má. Seria preciso ser cego para não o compreender e para crer que um Espírito bom pudesse estimular a desinteligência.

Muitas vezes o orgulho se desenvolve no médium à medida que cresce a sua faculdade; ela lhe dá importância. Procuram-no e ele acaba por julgar-se indispensável; daí, muitas vezes, um tom de jactância e de pretensão, ou ares de auto-suficiência e de desdém, incompatíveis com a influência exercida por um Espírito bom. Aquele que cai em semelhante extravagância está perdido, pois Deus lhe deu sua faculdade para o bem e não para satisfazer a vaidade ou servir de trampolim para a sua ambição. Esquece que esse poder, do qual se orgulha, pode ser retirado e freqüentemente não lhe é dado senão como prova, assim como a fortuna o é para certas pessoas. Se dele abusa, os Espíritos bons o abandonam pouco a pouco, tornando-se joguete dos Espíritos levianos que o embalam com suas ilusões, satisfeitos por

haverem vencido aquele que se julgava forte. Foi assim que vimos aniquilarem-se e perderem-se as mais preciosas faculdades que, sem isso, se teriam tornado os mais poderosos e úteis auxiliares.

Isso se aplica a todos os gêneros de médiuns, seja de manifestações físicas, seja de comunicações inteligentes. Infelizmente o orgulho é um dos defeitos que estamos menos dispostos a confessar a nós mesmos e menos ainda aos outros, porque eles não acreditariam. Ide, pois, dizer a um desses médiuns que se deixa levar como uma criança, que logo ele vos virará as costas, dizendo que sabe conduzir-se muito bem e que não enxergais as coisas claramente. Podeis dizer a um homem que ele é bêbado, debochado, preguiçoso, incapaz, imbecil e ele rirá ou concordará; dizei-lhe que é orgulhoso e ficará zangado, prova evidente de que tereis dito a verdade. Neste caso, os conselhos são tanto mais difíceis quanto mais o médium evita as pessoas que os possam dar, fugindo de uma intimidade que teme. Os Espíritos, sentindo que os conselhos são golpes desferidos contra seu poder, impelem o médium ao contrário, para aqueles que o entretêm em suas ilusões. Preparam-se, assim, muitas decepções, com o que o amor-próprio do médium terá muito a sofrer. Feliz ainda se não lhe resultar coisa mais grave.

Se insistimos longamente sobre este ponto é porque em muitas ocasiões a experiência nos tem demonstrado estar aí uma das grandes pedras de tropeço para a pureza e a sinceridade das comunicações mediúnicas. É quase inútil, depois disso, falar das outras imperfeições morais, tais como o egoísmo, a inveja, o ciúme, a ambição, a cupidez, a dureza de coração, a ingratidão, a sensualidade, etc. Cada um haverá de compreender que são outras tantas portas abertas aos Espíritos imperfeitos ou, pelo menos, causas de fraqueza. Para repelir esses últimos não basta dizer-lhes que se vão; nem mesmo basta querer e ainda menos conjurá-los: é preciso fechar-lhes a porta e os ouvidos, provar-lhes que somos mais fortes do que eles, o que incontestavelmente seremos um dia, pelo amor do bem, pela caridade, pela doçura, pela simplicidade,

pela modéstia e pelo desinteresse, qualidades que nos atraem a benevolência dos Espíritos bons. É o apoio destes que nos dá força e, se algumas vezes nos deixam à mercê dos maus, é para testarem a nossa fé e o nosso caráter.

Que os médiuns não se assustem em demasia da severidade das condições que acabamos de falar; haverão de convir que são lógicas e seria erro contrariá-las. É verdade que as más comunicações que podemos obter são o indício de alguma fraqueza, mas nem sempre um sinal de indignidade. Podemos ser fracos e ser bons. É, em todo caso, um meio de reconhecer nossas próprias imperfeições. Já dissemos em outro artigo: não é necessário ser médium para se estar sob a influência de Espíritos maus, que agem na sombra. Com a faculdade mediúnica o inimigo se mostra e se trai; sabemos com quem tratamos e podemos combatê-lo. É assim que uma má comunicação pode tornar-se uma lição útil, se soubermos aproveitá-la. Seria injusto, além disso, tributar todas as más comunicações à conta do médium. Falamos daquelas que ele obtém sozinho, fora de qualquer outra influência, e não das que são produzidas num meio qualquer. Ora, todos sabem que os Espíritos atraídos por esse meio podem prejudicar as manifestações, quer pela diversidade de caracteres, quer por defeito de recolhimento. É regra geral que as melhores comunicações ocorrem na intimidade e num círculo concentrado e homogêneo. Em toda comunicação encontram-se em jogo diversas influências: a do médium, a do ambiente e a da pessoa que interroga. Essas influências podem reagir umas sobre as outras, neutralizar-se ou corroborar-se: vai depender do fim a que nos propomos e do pensamento dominante. Vimos excelentes comunicações obtidas em círculos e que não reuniam todas as condições desejáveis. Nesse caso, os Espíritos bons vinham por causa de uma pessoa em particular, porque isso era útil. Vimos também más comunicações obtidas por bons médiuns, unicamente porque o interrogador não tinha intenções sérias e atraía Espíritos levianos que dele zombavam. Tudo isso demanda tato e observação, concebendo-se facilmente a preponderância que devem ter todas essas condições reunidas.

## Os Agêneres

Já nos referimos diversas vezes à teoria das aparições. Em nosso último número a recordamos, a propósito dos estranhos fenômenos que relatamos. Para melhor compreensão do que se segue, rogamos aos nossos leitores que a eles se reportem.

Todos sabem que, no número das manifestações mais extraordinárias produzidas pelo Sr. Home estava a aparição de mãos, perfeitamente tangíveis, que cada um podia ver e apalpar, que pressionavam e apertavam mas que, de repente, não ofereciam senão o vazio quando queriam pegá-las de surpresa. Eis aí um fato positivo, que se produziu em diversas circunstâncias, atestado por numerosas testemunhas oculares. Por mais estranho e anormal que pareça, cessa o maravilhoso desde o momento em que é possível lhe darmos uma explicação lógica. Entra, então, na categoria dos fenômenos naturais, embora de ordem completamente diversa da dos que se produzem aos nossos olhos, e com os quais é preciso pôr-se em guarda para não os confundir. Nos fenômenos comuns podemos achar pontos de comparação, como o do cego, que percebia o brilho da luz e das cores pelo som da trombeta, mas não similitudes. É precisamente a mania de querer tudo assimilar àquilo que conhecemos a verdadeira causa de tanta desilusão em certas pessoas: pensam que podem manipular esses elementos novos como se fossem hidrogênio e oxigênio. Ora, aí está o erro. Esses fenômenos estão submetidos a condições que escapam ao círculo habitual de nossas observações; é preciso, antes de tudo, conhecê-los e com eles nos conformarmos, se quisermos obter resultados. É necessário, sobretudo, não perder de vista que esse princípio essencial, verdadeira chave da ciência espírita e agente dos fenômenos vulgares, é uma força física, material, que pode ser submetida às leis do cálculo, ao passo que nos fenômenos espíritas esse agente *é constantemente uma inteligência que tem vontade própria e que não podemos submeter aos nossos caprichos.*

Nessas mãos havia carne, pele, ossos, unhas reais? Não, evidentemente; era apenas uma aparência, mas de tal ordem que produzia o efeito de uma realidade. Se um Espírito tem o poder de tornar visível e palpável uma parte qualquer de seu corpo etéreo, não há razão para que não o possa fazer com os outros órgãos. Suponhamos que um Espírito estenda essa aparência a todas as partes do corpo: teremos, então, a impressão de ver um ser semelhante a nós, agindo como nós, quando não passa de um vapor momentaneamente solidificado. Tal é o caso do louquinho de Bayonne. A duração dessa aparência está submetida a condições que nos são desconhecidas; depende, sem dúvida, da vontade do Espírito, que a pode produzir ou fazê-la cessar à vontade, embora dentro de certos limites, que nem sempre tem liberdade de transpor. Interrogados a respeito, bem como sobre todas as intermitências de quaisquer manifestações, os Espíritos sempre disseram que agiam em virtude de uma permissão superior.

Se, para certos Espíritos, é limitada a duração da aparência corporal, podemos dizer que, em princípio, ela é variável, podendo persistir mais ou menos tempo; pode produzir-se a qualquer tempo e a toda hora. Um Espírito cujo corpo fosse assim visível e palpável teria, para nós, toda a aparência de um ser humano; poderia conversar conosco e sentar-se em nosso lar qual se fora uma pessoa qualquer, pois o tomaríamos como um de nossos semelhantes.

Partimos de um fato patente – a aparição de mãos tangíveis – para chegar a uma suposição que é a sua conseqüência lógica. Entretanto, não a teríamos trazido à baila se a história do menino de Bayonne não nos tivesse posto no caminho, ao nos mostrar a sua possibilidade. Questionado sobre esse ponto, um Espírito superior respondeu que realmente podemos encontrar seres dessa natureza, sem que o suspeitemos; acrescentou que isso é raro, mas possível. Como, para nos entendermos, precisamos dar um nome para cada coisa, a Sociedade Parisiense de Estudos

Espíritas os chama *agêneres*, assim indicando que sua origem não é o resultado de uma geração. O fato a seguir, que se passou ultimamente em Paris, parece pertencer a esta categoria:

Uma pobre mulher estava na igreja de São Roque e rogava a Deus que a auxiliasse em sua aflição. À saída, na rua Saint-Honoré, encontra um senhor que a aborda e lhe diz: “Boa mulher, ficaríeis contente se arranjassem trabalho?” – “Ah! meu bom senhor” – responde ela – “peço a Deus que me conceda esse favor, porque estou muito necessitada.” – “Pois bem! Ide a tal rua, número tanto. Procurai a senhora T...: ela vos dará trabalho.” Então continuou seu caminho. A pobre mulher dirigiu-se sem demora ao endereço indicado. – “Com efeito, tenho um trabalho para mandar fazer” – diz a senhora em questão – “mas como não o dissera a ninguém, como pôde a senhora vir me procurar?” Então a pobre indigente, avistando um retrato suspenso à parede, respondeu: – “Senhora, foi esse cavalheiro que me enviou aqui.” – “Esse cavalheiro!” – replicou espantada a senhora – “Mas isso não é possível; este é o retrato de meu filho, morto há três anos.” – “Não sei como pode ser isto, mas vos asseguro que foi esse senhor que acabei de encontrar ao sair da igreja, onde tinha ido pedir a Deus que me assistisse. Ele me abordou e foi ele mesmo que me mandou aqui.”

Conforme o que acabamos de ver, nada haveria de surpreendente em que o Espírito do filho daquela senhora, a fim de prestar um serviço à pobre mulher, da qual sem dúvida ouvira a prece, lhe tivesse aparecido sob a forma corpórea para indicar-lhe o endereço da própria mãe. Em que se transformou depois? Sem dúvida no que era antes: um Espírito, a menos que, continuando seu passeio, tenha julgado conveniente mostrar-se a outras pessoas sob a mesma aparência. Essa mulher teria, assim, encontrado um *agênera*, com o qual havia conversado. Mas, então – dirão – por que não se teria apresentado à sua mãe? Nessas circunstâncias os motivos determinantes dos Espíritos nos são completamente desconhecidos. Agem como bem lhes pareça, ou melhor, como

disseram, em virtude de uma permissão sem a qual não podem revelar sua existência de modo material. Compreende-se, ademais, que sua visão poderia causar à mãe perigosa emoção. E quem sabe se não se apresentou a ela durante o sono ou de qualquer outro modo? E, aliás, não terá sido um meio de lhe revelar sua existência? É muito provável que tenha testemunhado aquela conversa entre as duas senhoras.

Não nos parece que o louquinho de Bayonne deva ser considerado como um *agênere*, pelo menos nas circunstâncias em que se manifestou, visto ter tido sempre, para a família, o caráter de um Espírito, caráter que jamais procurou dissimular: era seu estado permanente, e as aparências corporais que assumiu eram apenas acidentais, ao passo que o *agênere* propriamente dito não revela a sua natureza e, aos nossos olhos, mais não é do que um homem comum. Sua aparição corporal pode ter longa duração, conforme a necessidade, para estabelecer relações sociais com um ou diversos indivíduos.

Pedimos ao Espírito São Luís que nos esclarecesse sobre esses diferentes pontos, dignando-se responder às nossas perguntas:

1. O Espírito do louquinho de Bayonne poderia mostrar-se corporalmente em outros locais e a outras pessoas além da sua família?

*Resp.* – Sim, sem dúvida.

2. Isto depende de sua vontade?

*Resp.* – Não exatamente. O poder dos Espíritos é limitado; só fazem o que lhes é permitido fazer.

3. O que aconteceria se ele se apresentasse a uma pessoa desconhecida?

*Resp.* – Teria sido tomado por uma criança comum. Dir-vos-ei, porém, uma coisa: por vezes existem na Terra Espíritos que revestiram essa aparência, e que são tomados por homens.

4. Esses seres pertencem à classe dos Espíritos inferiores ou superiores?

*Resp.* – Podem pertencer às duas; são fatos raros. Deles tendes exemplos na Bíblia.

5. Raros ou não, basta a sua possibilidade para merecer a nossa atenção. O que aconteceria se, tomando semelhante ser por um homem comum, lhe fizessem um ferimento mortal? Seria morto?

*Resp.* – Desapareceria subitamente, como o jovem de Londres. [Ver o número de dezembro de 1858 – Fenômenos de bicorporeidade.]

6. Eles têm paixões?

*Resp.* – Sim; como Espíritos têm as paixões dos Espíritos, conforme sua inferioridade. Se algumas vezes tomam um corpo aparente é para fruir as paixões humanas; se são elevados, é com um fim útil que o fazem.

7. Podem procriar?

*Resp.* – Deus não o permitiria. Seria contrário às leis que estabeleceu na Terra e elas não podem ser derogadas.

8. Se um ser semelhante se nos apresentasse, haveria um meio de o reconhecer?

*Resp.* – Não, a não ser que o seu desaparecimento se fizesse de modo inesperado. Seria o mesmo que o transporte de móveis de um para outro andar, fatos que lestes anteriormente.

*Observação* – Alusão a um fato dessa natureza relatado no início da sessão.

9. Qual o objetivo que pode levar certos Espíritos a tomar esse estado corporal? É antes o mal do que o bem?

*Resp.* – Frequentemente o mal; os Espíritos bons têm a seu favor a inspiração; agem pela alma e pelo coração. Como o

sabeis, as manifestações físicas são produzidas por Espíritos inferiores, e aquelas são desse número. Entretanto, como disse, os Espíritos bons podem igualmente tomar essa aparência corporal com um fim útil. Falei de maneira geral.

10. Nesse estado podem eles tornar-se visíveis ou invisíveis à vontade?

*Resp.* – Sim, pois que podem desaparecer quando bem entenderem.

11. Têm eles um poder oculto superior ao dos demais homens?

*Resp.* – Só têm o poder que lhes faculta a sua posição como Espírito.

12. Têm necessidade real de alimento?

*Resp.* – Não; o corpo não é real.

13. Entretanto, embora não tivesse um corpo real, o jovem de Londres almoçava com seus amigos e apertou-lhes a mão. Em que se teria transformado o alimento absorvido?

*Resp.* – Antes de apertar a mão, onde estavam os dedos que apertavam? Compreendeis que o corpo desapareça? Por que não quereis compreender que a matéria também desapareça? O corpo do rapaz de Londres não era uma realidade, visto estar em Boulogne. Era, pois, uma aparência; o mesmo ocorre com a nutrição que ele parecia absorver.

14. Se tivéssemos entre nós um ser semelhante, seria um bem ou um mal?

*Resp.* – Seria antes um mal. Aliás, não se pode adquirir grandes conhecimentos com esses seres. Não vos podemos dizer muita coisa; tais fatos são excessivamente raros e jamais têm um caráter de permanência, notadamente as aparições instantâneas, como a de Bayonne.

15. O Espírito familiar protetor algumas vezes toma essa forma?

*Resp.* – Absolutamente; não dispõe ele de recursos interiores? Manipula-os com mais facilidade do que o faria sob uma forma visível e se o tomássemos por um nosso semelhante.

16. Perguntam se o Conde de Saint-Germain não pertenceria à categoria dos agêneres.

*Resp.* – Não; era um hábil mistificador.

A história do jovem de Londres, relatada em nosso número de dezembro, é um fato de bicorporeidade, ou, melhor dizendo, de dupla presença, que difere essencialmente daquele de que tratamos. O agêneres não tem corpo vivo na Terra; apenas seu perispírito toma uma forma palpável. O jovem de Londres estava perfeitamente vivo. Enquanto seu corpo dormia em Boulogne, seu Espírito, envolto pelo perispírito, foi a Londres, onde tomou uma aparência tangível.

Conhecemos um fato quase análogo. Enquanto estávamos calmamente deitados em nosso leito, um de nossos amigos viu-nos diversas vezes em sua casa, embora sob uma aparência não tangível, assentando-nos a seu lado e com ele conversando. Certa vez nos viu em robe de chambre; em outras, de paletó. Transcreveu nossa conversa e no-la enviou no dia seguinte. Era, como não poderia deixar de ser, relativa aos nossos trabalhos prediletos. Querendo fazer uma experiência, ofereceu-nos refrescos. Eis a nossa resposta: “Não tenho necessidade disso, visto não ser o meu corpo que está aqui. Sabeis, assim, que não há necessidade de vos produzir uma ilusão.”. Uma circunstância assaz bizarra apresentou-se nessa ocasião. Seja por predisposição natural, seja como resultado de nossos trabalhos intelectuais, sérios desde a nossa juventude, e poderíamos dizer, desde a infância, o fundo de nosso caráter sempre foi de extrema gravidade, mesmo na idade em que não se pensa senão nos prazeres. Essa constante preocupação

nos dá um semblante de frieza, de muita frieza mesmo. É, pelo menos, o que muitas vezes nos têm censurado. Entretanto, sob essa aparência glacial, talvez o Espírito sinta mais vivamente do que no caso de se permitir expansões exteriores. Ora, em nossas visitas noturnas ao nosso amigo, ele ficou bastante surpreendido por nos ver completamente diferente: estávamos mais abertos, mais comunicativos, quase alegres. Tudo em nós respirava a satisfação e a calma proporcionada pelo bem-estar. Não estará aí um efeito do Espírito desprendido da matéria?

## Meu Amigo Hermann

Sob esse título o Sr. H. Lugner publicou, no folheto do *Journal des Débats* do dia 26 de novembro de 1858, uma espirituosa história fantástica, no gênero de Hoffmann, e que, à primeira vista, parece ter alguma analogia com os nossos agêneres e com os fenômenos de tangibilidade que acabamos de falar. Sua extensão não nos permite reproduzi-la na íntegra. Limitar-nos-emos a fazer-lhe a análise, observando que o autor narra essa história como um fato de que tivesse sido testemunha pessoal, estando – dizia ele – vinculado por laços de amizade ao herói da aventura. Esse herói, chamado Hermann, morava numa pequena cidade do interior da Alemanha. “Era” – diz o narrador – “um belo rapaz de 25 anos, de porte avantajado, cheio de nobreza em todos os movimentos, gracioso e espirituoso no falar; muito instruído e sem o menor pedantismo, fino e sem malícia, muito cioso de sua dignidade e sem a menor arrogância. Em suma, era perfeito em tudo e mais perfeito ainda em três coisas: no amor pela filantropia, na vocação particular pela valsa e na doçura de caráter. Essa doçura não era fraqueza, nem temor dos outros, nem desconfiança exagerada de si mesmo: era uma inclinação natural, uma superabundância desse *milk of human kindness* que de ordinário não encontramos senão nas ficções dos poetas e da qual a Natureza havia aquinhado Hermann com uma dose nunca vista. Ele

continha e ao mesmo tempo sustentava os adversários com uma bondade onipotente e superior aos ultrajes; podiam feri-lo, mas não encolerizá-lo. Certo dia, tendo-lhe o barbeiro queimado a ponta da orelha ao anelar seus cabelos, Hermann apressou-se em desculpá-lo, tomando para si a culpa e garantindo que se havia mexido desajeitadamente. Entretanto, nada disso aconteceu, posso dizê-lo em consciência, porque me achava presente e vi claramente que tudo se deveu à inabilidade do barbeiro. Deu muitas outras provas de imperturbável bondade de alma. Ouvia a leitura de maus versos com um ar angélico e respondia aos mais tolos epigramas com elogios bem-postos, quando Espíritos malévolos teriam agido com maldade. Essa doçura extraordinária o tornara célebre; não havia mulher que não desse a vida para vigiar sem descanso o caráter de Hermann, procurando fazer com que perdesse a paciência pelo menos uma vez na vida.

“Acrescentai a todos esses méritos a vantagem de uma completa independência e uma fortuna suficiente para ser contado entre os mais ricos homens da cidade, e dificilmente podereis imaginar que faltasse alguma coisa à felicidade de Hermann. Entretanto, não era feliz e muitas vezes dava mostras de tristeza... Isso se devia a uma enfermidade singular, que o vinha afligindo a vida inteira e que há muito excitava a curiosidade de sua pequena cidade.

“Hermann não podia ficar acordado um instante sequer após o pôr-do-sol. Quando o dia se aproximava do fim ele era tomado de uma languidez invencível e, pouco a pouco, caía num torpor que nada podia evitar e do qual ninguém o tirava. Deitava-se com o sol e se levantava ao raiar do dia; seus hábitos matinais o teriam feito excelente caçador, se tivesse podido vencer o horror do sangue e suportar a idéia de dar uma morte cruel a inocentes criaturas.”

Eis em que termos, num momento de desabafo, descreve a própria situação ao seu amigo do *Journal des Débats*:

“Bem o sabeis, meu caro amigo, a que enfermidade estou sujeito e que sono invencível me oprime regularmente, desde o crepúsculo até a aurora. Sobre isso também sabeis o que todos sabem e, como todos, já ouvistes dizer que esse sono, por assim dizer, se confunde com a morte. Nada é mais verdadeiro, e esse prodígio pouco me importaria, eu o juro, se a natureza se contentasse em tomar-me o corpo como objeto de uma de suas fantasias. Mas a minha alma é também seu juguete e não vos posso dizer sem horror a sorte bizarra e cruel que lhe foi infligida. Cada uma de minhas noites é povoada de um sonho que se vincula com a mais fatal clareza ao sonho da noite anterior. Esses sonhos – queira Deus que sejam sonhos – se seguem e se encadeiam como os acontecimentos de uma existência comum que se desenrolasse à face do sol e na companhia de outros homens. Vivo, pois, duas vezes, levando duas existências bem diferentes: uma se passa aqui, convosco e com os nossos amigos; a outra, muito longe daqui, com homens que conheço tão bem quanto vós, com quem falo como vos falo, e que me tratam de louco como o fazeis quando me refiro a uma outra existência além desta que passo convosco. Entretanto, estou aqui vivo e falando, sentado ao vosso lado e bem desperto, penso; e quem pretendesse que sonhamos ou que somos sombras, com justa razão não passaria por insensato? Pois bem! meu caro amigo, cada um desses momentos, desses atos que preenchem as horas de meu sono inevitável, não são menos reais, e quando me acho inteiramente nessa outra existência, é esta que eu seria tentado a considerar como um sonho.

Entretanto, não sonho aqui mais do que lá. Vivo alternadamente nos dois lados e não poderia duvidar, embora minha razão fique estranhamente chocada com o fato de minha alma animar, sucessivamente, dois corpos e de se defrontar, assim, com duas existências. Ah! meu caro amigo, quisesse Deus que nesses dois corpos ela tivesse os mesmos instintos e a mesma conduta e que lá eu fosse o homem que aqui apreciáis e conheceis. Mas não é nada disso e talvez não ousariam contestar a influência

do físico sobre o moral se conhecessem minha história. Não quero me vangloriar; aliás, o orgulho que poderia inspirar-me uma dessas duas existências é aviltado pela vergonha, inseparável da outra. Todavia, não posso dizer sem vaidade que aqui sou justamente amado e respeitado por todos; louvam-me a personalidade e as maneiras; acham-me nobre, liberal e distinto. Como sabeis, amo as letras, a filosofia as artes, a liberdade e tudo quanto faz o encanto e a dignidade da vida humana; assisto os infelizes e não tenho inveja do próximo. Conheceis-me a proverbial doçura, meu espírito de justiça e de misericórdia e meu insuperável horror à violência. Todas essas qualidades, que me elevam e aqui me adornam, eu as expio lá, por vícios opostos. A Natureza, que aqui me cumulou de bênçãos, houve por bem amaldiçoar-me lá. Não apenas me lançou numa situação inferior, onde tive de ficar sem letras e sem cultura, como deu a esse outro corpo, que é também o meu, órgãos tão grosseiros ou tão perversos, sentidos tão cegos ou tão fortes, inclinações tais e tais necessidades que minha alma obedece, em vez de comandar, deixando-se arrastar por este corpo despótico às mais vis desordens. Lá eu sou duro e covarde, perseguidor dos fracos e servil diante dos fortes, impiedoso e invejoso, injusto por natureza, violento até o delírio. Entretanto, sou eu mesmo e, por mais me odeie e me despreze, não posso deixar de me reconhecer.

“Hermann parou um instante; sua voz tremia e os olhos estavam molhados de lágrimas. Tentando sorrir, eu lhe disse: “Quero vos excitar a loucura, para melhor curá-la. Dizei-me tudo; para começar, onde se passa essa outra existência e com que nome sois conhecido?”

“Chamo-me William Parker, respondeu ele; sou cidadão de Melbourne, na Austrália. É para lá, no país dos antípodas, que voa minha alma, assim que vos abandona. Quando o Sol aqui se põe ela deixa Hermann inanimado e, quando lá se levanta, dá a vida ao corpo inerte de Parker. Começa, então, minha miserável existência de vagabundagem, de fraude, de rixas e de

mendicância. Freqüento uma sociedade má e nela sou contado entre os piores; estou em luta incessante com meus companheiros e, não raras vezes, me vejo de faca em punho; estou sempre em guerra com a polícia e, com freqüência, obrigado a me esconder. Porém, tudo tem um termo neste mundo e esse suplício está chegando ao fim. Infelizmente cometi um crime. Matei covarde e brutalmente uma pobre criatura que se havia ligado a mim. Levei, assim, ao cúmulo a indignação pública, já excitada pela minha má conduta. O júri condenou-me à morte e espero minha execução. Algumas pessoas humanas e religiosas intercederam junto ao governador, a fim de obter-me graça ou, pelo menos, o sursis, que me dará tempo para me converter. Entretanto, é bem conhecida a minha natureza grosseira e intratável. Recusaram-no e, amanhã, ou melhor, esta noite, serei infalivelmente conduzido à forca.”

“Pois bem! disse-lhe eu sorrindo, tanto melhor para vós quanto para nós; é uma boa solução a morte desse velhaco. Uma vez Parker lançado na eternidade, Hermann viverá em paz; poderá velar como todo mundo e ficar conosco dia e noite. Essa morte curar-vos-á, meu caro amigo, e sou grato ao governador de Melbourne por ter recusado graça a esse miserável.”

“Enganai-vos, respondeu-me Hermann, com tal gravidade que me causou dó: morreremos juntos os dois, porquanto somos apenas um e, malgrado nossas diversidades e nossa natural antipatia, não temos senão uma alma, que será ferida por um único golpe, porque em todas as coisas respondemos um pelo outro. Acreditais, então, que Parker ainda estaria vivo se Hermann não tivesse sentido que tanto na morte como na vida eles eram inseparáveis? Teria eu hesitado um instante qualquer se tivesse podido arrancar e lançar ao fogo essa outra existência, como o olho maldito de que falam as Escrituras? Mas eu estava tão feliz por viver aqui que não admitia morrer lá; e minha indecisão durou até que a sorte resolveu para mim essa terrível questão. Agora, tudo está consumado; acreditai que estou me despedindo de vós.”

“No dia seguinte encontraram Hermann morto em seu leito e, alguns meses depois, os jornais da Austrália noticiaram a execução de William Parker, com todas as particularidades descritas por sua duplicata.”

Toda essa história é narrada com imperturbável sangue-frio e em tom sério; nada falta, nos detalhes que omitimos, para dar-lhe um cunho de verdade. Na presença dos estranhos fenômenos que testemunhamos, um fato dessa natureza poderia parecer se não real, pelo menos possível, e relacionado até certo ponto com aqueles que já citamos. Com efeito, não seria análogo àquele do rapaz que dormia em Boulogne, enquanto, ao mesmo tempo, conversava em Londres com seus amigos? Ao de Santo Antônio de Pádua que, no mesmo dia, pregava na Espanha e se mostrava em Pádua para salvar a vida do pai, acusado de homicídio? À primeira vista pode-se dizer que, se esses dois fatos forem exatos, também não é impossível que Hermann tenha vivido na Austrália, enquanto dormia na Alemanha, e reciprocamente. Embora nossa opinião esteja perfeitamente estabelecida a esse respeito, acreditamos dever referi-la aos nossos instrutores de além-túmulo, em uma das sessões da Sociedade. À pergunta: *O fato relatado pelo Journal des Débats é real?* Responderam: Não; é uma história feita especialmente para divertir os leitores. – *Se não é real, é possível?* – Não; uma alma não pode animar dois corpos diferentes.

Realmente, na história de Boulogne, se bem o rapaz se tenha mostrado em dois locais diferentes simultaneamente, em verdade possuía apenas um corpo de carne e osso, que estava naquela cidade; em Londres havia apenas a aparência ou perispírito, tangível, é certo, mas não o próprio corpo, mortal; ele não poderia morrer em Londres e em Boulogne. Hermann, ao contrário, conforme a anedota, teria realmente dois corpos, desde que um foi enforcado em Melbourne e o outro enterrado na Alemanha. A mesma alma teria, assim, se defrontado com duas existências simultâneas, o que, conforme os Espíritos, não é possível. Os

fenômenos do gênero do de Boulogne e de Santo Antônio de Pádua, embora muito freqüentes são, aliás, sempre acidentais e fortuitos num indivíduo, não tendo jamais um caráter de permanência, ao passo que o pretenso Hermann era assim desde a infância. Entretanto, a razão mais grave de todas é a diferença de caracteres. Seguramente, se esses dois indivíduos não tivessem tido senão uma só alma, esta não poderia ser, alternadamente, a de um homem de bem e a de um bandido. É verdade que o autor se baseia na influência do organismo. Nós o lamentamos, se tal é a sua filosofia e, ainda mais, que procure dar-lhe crédito, porquanto seria negar a responsabilidade dos atos; semelhante doutrina seria a negação de toda moral, porque reduziria o homem à condição de máquina.

## **Espíritos Barulhentos. Como se Livrar Deles**

Escrevem-nos de Gramat (Lot):

“Numa casa da aldeia de Coujet, comuna de Bastat (Lot), ruídos extraordinários são ouvidos há cerca de dois meses. A princípio eram golpes secos e muito semelhantes ao choque de uma clava no assoalho, ouvidos de todos os lados: sob os pés, sobre a cabeça, nas portas, nos móveis; logo depois as passadas de um homem descalço e o tamborilar de dedos nas vidraças. Os moradores da casa ficaram amedrontados e mandaram rezar missas; a população, inquieta, se dirigia à aldeia e ouvia. A polícia interveio e realizou vários inquéritos mas o barulho aumentou. Em breve as portas eram abertas, os objetos derrubados, as cadeiras arremessadas contra a escada, os móveis transportados do andar inferior para o sótão. Tudo quanto relato, atestado por grande número de pessoas, se passou em pleno dia. A casa não é um casebre antigo, sombrio e enegrecido, cujo aspecto faz sonhar com fantasmas; trata-se de uma casa recentemente construída e risonha;

os proprietários são boas pessoas, incapazes de querer enganar e morrem de medo. Entretanto, muitas vezes pensam que ali nada existe de sobrenatural, procurando explicar, tudo quanto se passa de extraordinário, pela física ou pelas más intenções, que atribuem aos moradores da casa. Eu, que vi e acreditei, resolvi dirigir-me a vós para saber quais são os Espíritos que fazem esse barulho e conhecer o meio, caso exista, de os silenciar. É um serviço que prestaríeis a essa boa gente, etc...”

Os fatos dessa natureza não são raros; todos se assemelham mais ou menos e em geral não diferem senão pela intensidade ou pela maior ou menor tenacidade. Quando se limitam a alguns ruídos sem maior conseqüência não causam inquietação, mas quando adquirem certa proporção transformam-se em verdadeira calamidade. Pergunta nosso honrado correspondente quais são os Espíritos que fazem esse barulho. A resposta não deixa dúvida: os Espíritos de ordem muito inferior são os únicos culpados. Os Espíritos superiores, assim como entre nós os homens graves e sérios, não se divertem em fazer algazarra. Muitas vezes os chamamos para perguntar-lhes a razão que assim os impele a perturbar o repouso alheio. A maioria não tem outro objetivo senão divertir-se. São antes Espíritos levianos do que maus, que sorriem dos temores que ocasionam e das pesquisas inúteis que são feitas para descobrir a causa do tumulto que provocam. Freqüentemente se obstinam junto a um indivíduo, comprazendo-se em o vexar e perseguindo-o de casa em casa; de outras vezes se vinculam a um lugar sem qualquer motivo, a não ser por capricho. Por vezes também é uma vingança que exercem, como teremos ocasião de ver. Em certos casos sua intenção é mais louvável: querem chamar a atenção e estabelecer contato, seja para dar um aviso útil à pessoa a quem se dirigem, seja para solicitar algo para si mesmos. Muitas vezes presenciamos alguns deles a pedir preces, outros a solicitar o cumprimento, em seu nome, de promessas que não puderam pagar; e, finalmente, no interesse de seu próprio repouso, outros querendo reparar uma ação má, cometida quando viviam entre nós.

Em geral não há razão para nos amedrontarmos; sua presença pode ser importuna mas não oferece perigo. Compreende-se, aliás, que tenhamos desejo de nos desembaraçarmos deles; todavia, fazemos exatamente o contrário do que deveríamos fazer. Se são Espíritos que se divertem, quanto mais levamos a coisa a sério, mais eles persistem, como crianças travessas que incomodam tanto mais quanto mais vêem que nos impacientamos, e que metem medo nos pusilânimes. Se tomássemos o sábio partido de rir de suas traquinadas, acabariam por se cansar e nos deixariam em paz. Conhecemos alguém que, longe de se irritar, os excitava, desafiando-os a fazer tal ou qual coisa, de modo que ao fim de alguns dias eles não mais apareceram. Porém, como já havíamos dito, existem outros cujo motivo é menos frívolo. Eis por que é sempre útil saber o que eles querem. Se pedem alguma coisa, estejamos certos de que suas visitas cessarão assim que seu desejo for satisfeito. A melhor maneira de nos instruímos a esse respeito é evocar o Espírito através de um bom médium escrevente. Por suas respostas veremos imediatamente com quem estamos lidando e, em consequência, como poderemos agir; se é um Espírito infeliz, manda a caridade que o tratemos com os cuidados que merece. Se for um brincalhão de mau gosto, poderemos agir sobre ele à vontade; se for malévolos, é preciso pedir a Deus que o torne melhor. Em todo caso, a prece só poderá dar bons resultados. Entretanto, a gravidade das fórmulas de exorcismo os faz rir e não são levadas em nenhuma consideração. Se pudermos entrar em comunicação com eles, precisamos desconfiar das qualificações burlescas ou assustadoras que se dão algumas vezes, a fim de se divertirem com a nossa credulidade.

Em muitos casos a dificuldade consiste em ter um médium à disposição. É preciso, então, que procuremos nos tornar um deles ou interrogar o Espírito diretamente, de acordo com os preceitos que oferecemos em nossas *Instruções Práticas sobre as Manifestações*.

Esses fenômenos, embora executados por Espíritos inferiores, muitas vezes são provocados por Espíritos de ordem mais elevada, com o fim de nos convencer da existência de seres incorpóreos e de um poder superior ao do homem. A repercussão daí resultante, o próprio medo que causam chamam atenção e terminarão por abrir os olhos dos mais incrédulos. Estes últimos acham mais fácil reduzir tais fenômenos ao plano da imaginação, explicação aliás muito cômoda e que dispensa outras. Entretanto, quando os objetos são revirados ou atirados à nossa cabeça seria necessária uma imaginação muito complacente para se supor que tais coisas acontecessem, quando de fato não acontecem. Se observamos um efeito qualquer, esse efeito necessariamente tem uma causa. Se uma *fria e calma* observação nos demonstra que esse efeito independe de toda vontade humana e de qualquer causa material; se, além disso, dá-nos sinais *evidentes* de inteligência e de livre vontade, *o que constitui o sinal mais característico*, somos então forçados a atribuí-lo a uma inteligência oculta. Quais são esses seres misteriosos? É o que os estudos espíritas nos ensinam da maneira mais peremptória, pelo meio que nos oferece de com eles entrarmos em comunicação. Além disso, esses estudos nos ensinam a separar o que é real daquilo que é falso ou exagerado, nos fenômenos cujas causas não percebemos. Se se produz um efeito insólito: ruído, movimento, a própria aparição, o primeiro pensamento que devemos ter é que se deva a uma causa natural, por ser a mais provável. É preciso então pesquisar essa causa com o maior cuidado e não admitir a intervenção dos Espíritos senão com conhecimento de causa. É o único meio de não nos iludirmos.

## Dissertação de Além-Túmulo

A INFÂNCIA

Comunicação espontânea do Sr. Nélo, Médium, lida na  
Sociedade em 14 de janeiro de 1859.

Não conheceis o segredo que, na sua ignorância, escondem as crianças. Não sabeis o que são, nem o que foram, nem

em que se tornarão. E, contudo, as amais e as prezais como se fossem uma parte de vós mesmos, de tal sorte que o amor de uma mãe pelos filhos é reputado como o maior amor que um ser possa ter por outro ser. De onde vem essa doce afeição, essa terna benevolência que os próprios estranhos sentem por uma criança? Vós o sabeis? Não. É isso que vos quero explicar.

As crianças são seres que Deus envia em novas existências; e, para que elas não possam queixar-se de sua grande severidade, dá-lhes toda a aparência da inocência; mesmo numa criança de natureza má seus defeitos são cobertos pela inconsciência de seus atos. Essa inocência não é uma superioridade real sobre aquilo que foram antes; não, é a imagem do que deveriam ser; e, se não o são, unicamente sobre elas recairá a culpa.

Mas não foi apenas por elas que Deus lhes deu esse aspecto; foi também e sobretudo por seus pais, cujo amor é necessário à sua fraqueza; e esse amor seria singularmente enfraquecido à vista de um caráter intolerante e impertinente, ao passo que, supondo os filhos bons e meigos, dão-lhes toda a sua afeição e os cercam das mais delicadas atenções. Mas quando as crianças não mais necessitam dessa proteção, dessa assistência que lhes foi prodigalizada durante quinze ou vinte anos, seu caráter real e individual reaparece em toda a sua nudez: permanece bom, se for fundamentalmente bom, mas se irisa sempre de matizes que se ocultavam na primeira infância.

Vedes que os caminhos de Deus são sempre os melhores e que, quando se tem puro o coração, fácil é conceber a explicação.

Com efeito, imaginai que o Espírito das crianças que nascem entre vós pode vir de um mundo onde adquiriu hábitos completamente diferentes. Como quereríeis que estivesse em vosso

meio esse novo ser, que vem com paixões completamente diversas das que possuís, com inclinações e gostos inteiramente opostos aos vossos? Como quereríeis que se incorporassem em vossas fileiras de modo diferente do que Deus o quis, isto é, pelo crivo da infância? Aí se vêm confundir todos os pensamentos, todos os caracteres, todas as verdades de seres engendrados por essa multidão de esferas onde se desenvolvem as criaturas. Vós mesmos, ao morrer, vos encontrais numa espécie de infância, em meio a novos irmãos. E, em nova existência fora da Terra, ignorais os hábitos, os costumes e as relações desse mundo tão novo para vós; manejareis com dificuldade uma língua que não estais habituados a falar, língua mais viva do que o vosso pensamento atual.

A infância tem ainda outra utilidade. Os Espíritos não entram na vida corporal senão para se aperfeiçoarem, para se melhorarem. A fraqueza da tenra idade os torna flexíveis, acessíveis aos conselhos da experiência e daqueles que devem fazê-los progredir. É então que podemos reformar o seu caráter e reprimir seus maus pendores. Tal é o dever que Deus confiou aos pais, missão sagrada pela qual hão de responder.

Assim, não somente a infância é útil, necessária e indispensável, mas, ainda, é a conseqüência natural das leis que Deus estabeleceu e que regem o Universo.

*Observação* – Chamamos a atenção de nossos leitores para esta notável dissertação, cujo elevado alcance filosófico é facilmente compreensível. Que há de mais belo, de mais grandioso que essa solidariedade que existe entre todos os mundos? Que de mais apropriado para nos dar uma idéia da bondade e da majestade de Deus? A Humanidade cresce por tais pensamentos, ao passo que se avilta se a reduzimos às mesquinhas proporções de nossa vida efêmera e de nosso imperceptível mundo entre os demais mundos.

## Correspondência

Loudéac, 20 de dezembro de 1858.

Senhor Allan Kardec,

Felicito-me por ter-me posto em relação convosco através do gênero de estudos a que mutuamente nos entregamos. Há mais de vinte anos eu me ocupava com uma obra que deveria intitular-se *Estudo sobre os Gérmenes*. Essa obra devia ser especialmente fisiológica; entretanto, minha intenção era demonstrar a insuficiência do sistema de Bichat, que não admite senão a vida orgânica e a vida de relação. Queria provar que existe um terceiro modo de existência, que sobrevive aos dois outros em estado não orgânico. Esse outro terceiro modo nada mais é que a vida anímica, ou *espírita*, como chamais. Numa palavra, é o germen primitivo que engendra os dois outros modos de existência, orgânica e de relação. Também queria demonstrar que os germens são de natureza fluídica, bidinâmicos, atrativos, indestrutíveis, autógenos e em número definido, tanto em nosso planeta quanto em todos os meios circunscritos. Quando apareceu *Céu e Terra*, de Jean Reynaud, fui obrigado a modificar minhas convicções. Reconheci que meu sistema era muito limitado e com ele admiti que os astros, pela troca de eletricidade que podem estabelecer entre si devem, necessariamente, por meio de várias correntes elétricas, favorecer a transmigração dos germens ou Espíritos da mesma natureza fluídica.

Quando se falou das mesas girantes, entreguei-me logo a essa prática e obtive resultados tais que não tive mais nenhuma dúvida quanto às manifestações. Logo compreendi que chegara o momento em que o mundo invisível ia tornar-se visível e tangível e, desde então, marcharíamos para uma revolução nunca vista na ciência e na filosofia. Entretanto, estava longe de esperar que um jornal *espírita* pudesse estabelecer-se tão depressa e manter-se na França. Hoje, senhor, graças à vossa perseverança, é um fato

consumado e de grande alcance. Estou longe de acreditar estejam vencidas as dificuldades; encontrareis muitos obstáculos e sereis humilhado, mas, afinal de contas, a verdade brilhará. Chegar-se-á a reconhecer a justeza da observação de nosso célebre professor Gay-Lussac, que nos dizia em seu curso, a propósito dos corpos *imponderáveis* e *invisíveis*, que essas expressões eram inexatas e apenas refletiam nossa impotência no estado atual da Ciência, acrescentando que seria mais lógico chamá-los de *imponderados*. O mesmo ocorre com a visibilidade e a tangibilidade; o que não é visível para um o é para outro, mesmo a olho nu, de que os sensitivos são o exemplo. Finalmente, a audição, o odor e o gosto, que nada mais são do que modificações da propriedade tangível, nulos se mostram no homem em comparação com o cão, a águia e outros animais. Não há, pois, nada de absoluto nessas propriedades, que se multiplicam conforme os organismos. Nada há de invisível, intangível ou imponderável: tudo pode ser visto, tocado ou pesado quando nossos órgãos – nossos primeiros e mais preciosos instrumentos – se tiverem tornado mais sutis.

Às diversas experiências que já recorrestes para constatar nosso terceiro modo de existência – a vida espírita – peço acrescenteis a seguinte: Magnetizai um cego de nascença e, no estado sonambúlico, dirigi-lhe uma série de perguntas sobre as formas e as cores. Se o sensitivo estiver lúcido, provar-vos-á de modo peremptório que, sobre essas coisas, tem conhecimentos que só poderia ter adquirido em *uma ou em várias existências anteriores*.

Termino, senhor, rogando que aceiteis meus mais sinceros cumprimentos pelo gênero de estudos aos quais vos consagrais. Como jamais temi manifestar as minhas opiniões, podereis inserir esta carta em vossa Revista, se julgardes que seja útil.

Vosso todo devotado servidor,

MORHÉRY, *Doutor em Medicina.*

*Observação* – Sentimo-nos muito feliz com a autorização concedida pelo Dr. Morhéry para publicarmos a notável carta que acabamos de ler. Ela prova que, ao lado do homem de ciência, há nele o homem judicioso que vê algo mais além das nossas sensações e que sabe sacrificar as suas opiniões pessoais em benefício da evidência. Nele, a convicção não é fé cega, mas raciocinada; é a dedução lógica do sábio, que não pensa tudo saber.

## Uma Noite Esquecida ou a Feiticeira Manouza

MILÉSIMA SEGUNDA NOITE DOS CONTOS ÁRABES

Ditada pelo Espírito Frédéric Soulié

(Terceiro e último artigo)

### VII

– Levantai, disse-lhe Noureddin, e segui-me. Nazara lançou-se em prantos a seus pés, implorando graça. – Nenhuma piedade para semelhante falta, disse o pretenso Sultão; preparai-vos para morrer. Noureddin sofria bastante por lhe falar deste modo, mas não julgou haver chegado o momento para se dar a conhecer.

Vendo que era impossível dobrá-lo, Nazara o seguiu trêmula. Voltaram aos aposentos; ali Noureddin disse a Nazara que se vestisse convenientemente. Depois, terminada a toailete e sem outra explicação, disse-lhe que iriam, ele e Ozana – o anão – conduzi-la a um subúrbio de Bagdá, onde ela encontraria o que merecia. Cobriram-se com grandes mantos para não serem reconhecidos e saíram do palácio. Mas, oh! terror! mal transpuseram as portas transformaram-se aos olhos de Nazara. Não eram o Sultão e Ozana, nem os vendedores de roupas, mas o próprio Noureddin e Tanaple. Ficaram tão assombrados, principalmente Nazara, de se acharem tão perto da casa do Sultão, que apressaram o passo, com medo de serem reconhecidos.

Logo que entraram na casa de Noureddin, foi esta cercada por uma multidão de homens, de escravos e de tropas, enviada pelo Sultão para os prender.

Ao primeiro ruído, Noureddin, Nazara e o anão se refugiaram nos aposentos mais retirados do palácio. Lá, disse-lhes o anão que não se amedrontassem e que havia somente uma coisa a fazer para não serem presos: enfiar na boca o dedo mínimo da mão esquerda e assobiar três vezes; que Nazara devia fazer o mesmo e instantaneamente se tornariam invisíveis a quantos quisessem apoderar-se deles.

Continuando o ruído a aumentar de maneira alarmante, Nazara e Noureddin seguiram o conselho de Tanaple; quando os soldados penetraram o aposento encontraram-no vazio, retirando-se após pesquisas minuciosas. Então o anão disse a Noureddin que fizesse o contrário do que haviam feito, isto é, enfiassem na boca o dedo mínimo da mão direita e assobiassem três vezes; eles o fizeram e logo se converteram no que eram antes.

Em seguida o anão os advertiu de que não se achavam em segurança naquela casa, devendo deixá-la por algum tempo até que se apaziguasse a cólera do Sultão. Em razão disso, ofereceu-se para levá-los ao seu palácio subterrâneo, onde estariam muito à vontade, enquanto seriam providenciados os meios a fim de que, sem receio, pudessem retornar a Bagdá, e dentro das melhores condições possíveis.

### VIII

Noureddin hesitava, mas Nazara tanto pediu que ele acabou consentindo. O anão lhes disse que fossem ao jardim e chupassem uma laranja, com o rosto voltado para o nascente; então, seriam transportados sem o perceberem. Fizeram um ar de dúvida que Tanaple não compreendeu, após tudo que houvera feito por eles.

Tendo descido ao jardim e chupado a laranja como lhes fora indicado, viram-se subitamente elevados a uma altura prodigiosa; depois experimentaram um forte abalo e um grande frio, sentindo que desciam em grande velocidade. Nada perceberam durante o trajeto; porém, quando tomaram consciência da situação encontravam-se num subterrâneo, dentro de magnífico palácio iluminado por mais de vinte mil velas.

Deixemos nossos amantes em seu palácio subterrâneo e voltemos ao nosso pequeno anão, que havíamos deixado na casa de Nouredin. Sabeis que o Sultão tinha enviado soldados para se apoderarem dos fugitivos. Após haver explorado os recantos mais afastados da habitação, assim como os jardins, e nada encontrando, viram-se forçados a retornar e prestar contas ao Sultão de suas buscas infrutíferas.

Tanaple os havia acompanhado em todo o percurso do caminho; olhava-os com malícia e de vez em quando indagava quanto o Sultão pagaria a quem lhe trouxesse os dois fugitivos. – Se o Sultão, acrescentava, estiver disposto a me conceder uma hora de audiência, dir-lhe-ei alguma coisa que o tranquilizará e ele ficará satisfeito por se desembaraçar de uma mulher como Nazara, que possui um mau gênio e que faria descer sobre ele todas as desgraças possíveis, caso lá permanecesse por mais algumas luas. O chefe dos eunucos prometeu dar o seu recado e transmitir-lhe a resposta do Sultão.

Mal haviam retornado ao palácio o chefe dos negros veio dizer-lhe que o seu senhor o esperava, prevenindo-o, porém, de que seria empalado, caso sustentasse imposturas.

Nosso pequeno monstro apressou-se em dirigir-se à casa do Sultão. Chegando diante desse homem duro e severo, como de hábito inclinou-se três vezes perante os príncipes de Bagdá.

– Que tens a dizer-me? Perguntou o Sultão. Sabes o que te aguarda se não disseres a verdade. Fala, eu te escuto.

“Grande Espírito, celeste Lua, tríade de Sóis, não direi senão a verdade. Nazara é filha da fada negra e do Gênio da Grande Serpente dos Infernos. Sua presença em tua casa acarretaria todas as pragas imagináveis: chuva de serpentes, eclipse solar, lua azul impedindo os amores noturnos. Enfim, todos os teus desejos seriam contrariados e tuas mulheres envelheceriam antes mesmo que se passasse uma lua. Poderei dar-te uma prova do que digo; sei onde se encontra Nazara; se quiseres, irei buscá-la e poderás convencer-te. Só há um meio de evitar essas desgraças: é dá-la a Noureddin. Noureddin também não é o que pensas; ele é filho da feiticeira Manouza e do gênio do Rochedo de Diamante. Se os casares, em sinal de reconhecimento Manouza te protegerá; se recusares... Pobre príncipe! eu te lamento. Experimenta; depois decidirás.

O Sultão ouviu muito calmo o discurso de Tanaple, mas logo em seguida convocou uma tropa de homens armados, ordenando aprisionar o monstrinho até que um acontecimento viesse convencê-lo do que acabara de ouvir.

Eu julgava – disse Tanaple – que estivesse a tratar com um grande príncipe, mas vejo que me enganei. Deixo aos gênios o cuidado de vingar seus filhos. Dito isso, seguiu os que vieram para o prender.

## IX

Tanaple estava na prisão apenas há algumas horas quando o Sol se cobriu de uma nuvem sombria, como se um véu quisesse roubá-lo à Terra; depois ouviu-se um grande ruído e, de uma montanha situada na entrada da cidade, saiu um gigante armado, dirigindo-se para o palácio do Sultão.

Não direi que o Sultão tivesse ficado muito calmo; longe disso. Tremia como uma folha de laranjeira açoitada por Éolo. À aproximação do gigante mandou fechar todas as portas, ordenando aos soldados que ficassem de prontidão e armas à mão para

defender seu príncipe. Mas, oh! estupefação! À chegada do gigante todas as portas se abriram, como se mão invisível as impelisse; depois, gravemente, o gigante avançou para o Sultão, sem fazer nenhum sinal ou dizer uma só palavra. À sua vista, o Sultão caiu de joelhos e suplicou ao gigante que o poupasse e dissesse o que exigia.

“Príncipe! – disse o gigante – não digo muita coisa da primeira vez; apenas te advirto. Faze o que Tanaple te aconselhou e te asseguramos a nossa proteção; do contrário, sofrerás o castigo de tua obstinação.” Dito isso, retirou-se.

A princípio o Sultão ficou aterrorizado; porém, refazendo-se do susto um quarto de hora mais tarde, e longe de seguir os conselhos de Tanaple, mandou publicar um édito em que prometia magnífica recompensa a quem o pusesse no rastro dos fugitivos; depois mandou postar soldados às portas do palácio e da cidade, esperando pacientemente. Mas sua paciência não durou muito ou, pelo menos, não lhe deixou tempo de prová-la. A partir do segundo dia surgiu nas portas da cidade um exército que parecia ter saído das entranhas da Terra; os soldados vestiam peles de toupeira, tinham como escudos cascos de tartaruga e usavam clavas feitas de lascas de rochedos.

À sua aproximação os guardas quiseram opor resistência, mas o aspecto formidável do exército logo os fez baixar as armas; abriram as portas sem nada dizer, sem romper suas filas e a tropa inimiga marchou solenemente para o palácio. O Sultão quis resistir à entrada de seus aposentos, mas, para sua grande surpresa, os guardas adormeceram e as portas se abriram por si mesmas. Depois o chefe do exército avançou com passo grave até os pés do Sultão e lhe disse:

“Vim para dizer-te que Tanaple, percebendo a tua teimosia, enviou-nos para procurar-te; em vez de ser o Sultão de um povo que não sabes governar, vamos conduzir-te para o seio das toupeiras; tu mesmo te tornarás uma delas e serás um Sultão

domesticado. Vê logo se isso te convém ou se preferes fazer o que te ordenou Tanaple; concedo-te dez minutos para refletir.”

## X

O Sultão teria preferido resistir; mas, para sua felicidade, após alguns momentos de reflexão concordou com aquilo que lhe exigiam; queria impor apenas uma condição: que os fugitivos deixassem seu reino. Prometeram-lhe o que pedia e, no mesmo instante, sem saber de que lado nem como, o exército desapareceu aos seus olhos.

Agora que a sorte de nossos amantes estava completamente assegurada, voltemos a eles. Sabeis que os havíamos deixado no palácio subterrâneo.

Depois de alguns minutos, deslumbrados e encantados pelo aspecto das maravilhas que os cercavam, quiseram visitar o palácio e os seus arredores. Viram jardins encantadores. E, coisa estranha! ali viam quase tão claramente quanto a céu aberto. Aproximaram-se do palácio: todas as portas estavam abertas e havia preparativos como para uma grande festa. À porta encontrava-se uma dama em magnífica toalette. A princípio nossos fugitivos não a reconheceram; porém, aproximando-se mais, viram Manouza, a feiticeira, completamente transformada; já não era aquela velha mulher, suja e decrépita, e sim uma senhora de certa idade, ainda bela e de porte elegante.

“Noureddin – disse ela – eu te prometi auxílio e assistência. Hoje vou cumprir minha promessa; teus males chegam ao termo e vais receber o prêmio de tua perseverança: Nazara será tua esposa; além disso, dou-te este palácio e nele habitarás. Serás o rei de um povo bravo e reconhecido; eles são dignos de ti, como és digno de reinar sobre eles.”

A essas palavras ouviu-se uma música harmoniosa; de todos os lados surgiu uma multidão inumerável de homens e

mulheres em trajes de festa; à sua frente grandes senhores e grandes damas vinham prostrar-se aos pés de Noureddin. Ofereceram-lhe uma coroa de ouro cravejada de diamantes e disseram que o reconheciam como seu rei; que o trono lhe pertencia como herança paterna; e que estavam enfeitados há quatrocentos anos pela vontade de magos perversos e esse feitiço só deveria terminar com a presença de Noureddin. Em seguida fizeram um grande discurso sobre as suas e as virtudes de Nazara.

Então Manouza lhe disse: Sois feliz, nada mais tenho a fazer aqui. Se algum dia precisardes de mim, batei na estátua que está no meio do vosso jardim e virei no mesmo instante. Depois desapareceu.

Noureddin e Nazara quiseram retê-la por mais tempo, a fim de agradecer-lhe toda a bondade para com eles. Depois de alguns momentos de conversa voltaram aos seus súditos. As festas e os regozijos duraram oito dias. Seu reino foi longo e feliz; viveram milhares de anos e posso até mesmo dizer que vivem ainda. Só que o seu país jamais foi encontrado ou, melhor dizendo, nunca se tornou bem conhecido.

FIM

*Observação* – Chamamos a atenção dos nossos leitores para as observações que antecederam este conto, nos números de novembro de 1858 e janeiro de 1859.

*Allan Kardec*